

Um ervanário no cárcere

Pedro José de Alencar

<https://orcid.org/0009-0002-4917-1604>

Agrônomo e fitoterapeuta, membro da Associação Cannabis Medicinal do Piauí (ACMP) e da Associação Cannabis Medicinal de Minas Gerais.

E-mail: pedrojosealencar2022@gmail.com

ERVA SANTA

Sou cidadão. Todos sabem,
Sou ganja man. Não nego.
Nunca precisei esconder!
Cinquenta e quatro anos de vida,
Quarenta que aprecio a flor.

Bom filho, idem aprendiz, ibidem companheiro,
Excelente pai, invejável esposo.
Guerreiro combativo e lutador!

Tantas noites já tive na vida,
Algumas pareceram eternas,
Nenhuma como esta,
Neste catre de pedra, na cela de uma cadeia!

Imposta pela severa, demente
De braço armado e olhos cegos,
Manipulados pela denúncia,
Criminaliza uma planta e sua defesa.

Sagrada como tantas outras,
Inocente como uma criança.
A noite a planta a dança,
Não me faz mal, nunca fez.

Dona justa orquestra a ronda,
Impecável, na prensa aperta,
Os justos não temem a sorte,
Pois que a morte que iguala, liberta.

Cadê? Onde está?!
Sabemos que aqui tem!!!
Diga para onde levou?!
Nada tinha, nada acharam.
O que disseram, inventaram!

Quem atirou a primeira pedra?
A patológica maga? Como dizem...
Carol, Juju, e aquela que usa coleira? Provável...
O Black, ou aquele Jhow que caíra primeiro?!
Entregando aos amigos? Duvido!

PRIMEIRA NOITE

Oh esta noite sem fim.
Já nem consigo pensar direito,
Neste calor infernal, tratado como animal.

Não fosse a resistência inata,
Aceitaria a culpa imposta, a ferro!

A luta é pela liberdade,
Do pensamento, da ação e do ser.

Cadeia foi feita para homens, dizem
Digo que os transformam em bichos.

Não, não é esta pequena cela minha sina.
Senão o começo da luta minha,
Para libertar a erva santa em Teresina.

Certeza, vamos sair mais fortes
Enfrentando de frente a sorte,
Como aquele que venceu na morte.

Levantando do sepulcro e andando com sua cruz,
Provando o poder do ser.

TEMPOS CRUÉIS

Polícia fodida!
Deixa bandido solto,
Prende cidadão de bem.

Vive de interesseira denúncia anônima,
Toca o terror, ameaça, espanca!
Meu senhor, que tempo é esse?!

Prender por usar erva santa em casa.
Enquanto no congresso, na câmara, na rua,
A corrupção, a impunidade, a violência, campeiam e degradam.

Ah que polícia fodida! Puta, fuleira, maldita.
Fomentando a entrega de concidadãos,
Acenando a escrota, com mais delação.
Vai te f#*@r, vagabunda, conosco isto cola não.

Quem proibiu? Por que proibiram?
Sabemos tudo como foi,
Interesse político-econômico, racismo, egoísmo!

Libertemos à ganja, erva santa, medicina universal.

Ah meu Brasil subserviente,
Atrelado à corrente estadunidense,
Vão se ferrar mentecaptos. Dementes.

Sabemos, somos nós, meus irmãos,
Crianças de Salomão, o Rei.
A verdade é o Amor,
Paz trazemos no coração.

Já no princípio foi dito, pois
“De toda erva, Fruto e semente,
Poderás usar para o bem”.

Poder maior não há, que a fé
De uma mente quieta e um coração tranquilo.
Entregue ao senhor da suprema devoção.

Mamãe natureza, Deus vivo, vem!
Estende até nós tua mão,
Vem! Mãe divina vem, apazigua meu coração.

NU (CONFISSÃO NEGATIVA)

A muito em mim, morto estar o mal!
Poderia até recitar o papiro Ani, Nu.

Crocodilos do Nilo, aqui estou!
Escorpiões reis, podem vir!
Não tema, não temo.

Levado serei ao Sol, meu Pai, em Espírito,
Nas costas do escaravelho sagrado,
Levado serei à Lua, minha Mãe, em Alma,
Pela coruja encantada.

Meu corpo ficará na Terra, grande Mãe.
Devolvendo a matéria corruptível.
Meu coração está puro, leve feito pena.

O medo eu deixo aos homens,
Que não conhecem a Deus.
O ódio, deixo aos malvados,
Que não conhecem a Paz.

Comigo levo o amor recebido,
Pois que dizem, ele nunca é demais.

Não matei. Não roubei meu semelhante,
Gula, preguiça, a inveja,
Passara por longe, agradeço.

Mas a vida se alimenta da vida,
Amor e Paz vos deixo!

Ira, luxúria, cobiça,
Muito cedo risquei desta minha lista.

Avaro nunca fui, pois
A natureza generosa comigo foi.

Orgulho, vaidade? Não! Paz e bem!

Plantei, cuidei, colhi e queimei,
Para Deus, o incenso bendito.

Nas asas do escaravelho sagrado,
Sete metais levo comigo,
Em seus extratos etéreos.

Ouro, Prata, Estanho, Cobre.
Mercúrio, ferro e chumbo.
Meu latão está polido!

O Ouro, levo ao Sol, meu espírito de luz.
Prata levo à Lua, minha alma etérea,
Cobre, reporto a Vênus, Amor, eterna fêmea,
Mercúrio, a seu próprio dono, Aion, a inteligência.

Ferro a Marte entrego, a força, o macho!
A Júpiter, o jovem e maleável Estanho.

Chumbo transmutado, ao Velho dos Tempos,
Saturno, seu antigo nome.

Subo então, leve, ao empíreo!

Tendo entregue meu corpo à Terra,
Esta azul e adorável esfera de beleza singular.
Daqui das alturas, agradeço ter sido meu lar.

Mãe adorável, bendita.
Algum dia haverei de voltar!

Aos filhos e filhas, deixo meu sangue.
Às companheiras, o amor que vivemos.
Aos irmãos, os sonhos compartilhados.

A meus pais agradeço a vida.
A Deus, agradeço a existência,
Entregando meu espírito livre,
Alma leve, rebelde por natureza.

UM MUNDO DE GÍRIAS NOVAS

Recado escrito é “pipa”
Também tudo que vai e que vem,
Quando leva grana é “malote”.
“Rabuja” é chamada a comida,
Dito “paga” quando servida.
No desjejum, diz-se “rabujo” o café.
“Pirulito” as grossas barras da cela,
“Dura” e “Justa”, polícia e justiça.
“Mil graus” qualquer coisa top,
“Cem por cento veneno” e “firmeza total”!
“E aí meu irmão estou enviando
Uma bagaça para você”
“Sustenta que tá chegando”
“Aguardo a relva daí”
“Não me deixe falando à toa”
Nem fique de “chapéu atolado”
“Cruzeta”, “armação”, “casinha”.
“O bagulho tá louco”,
“Vai feder”, “treta no pavilhão”.
“Jogou conversa fora”,
“Treta de mil graus”, “vão cobrar vacilo”!
“Espinho”, ferragem fina tirada do concreto.
“Espeto”, ferragem grossa tirada da grade.
“Ganhar”, ficar observando sem ser visto. Roubar.
“Subir o gás”, “evaporar”, morrer.
“Hulk. Olha, quando você for mandar pipa,
Não bote meu nome, bote meu código, Cyborg”.

PENITENCIARIA

Complexo prisional Nelson Hungria, seu nome
Onde fui parar neste dia, Nova Contagem MG,
Um cadeão de segurança maxima estadual.
Dezenas de pavilhões fervilhando de homens presos,
E um batalhão de soldados, agentes penitenciários.
Imensidão de celas pequenas
Onde o sol nasce quadrado.
A mesma cena, o mesmo cenário
De um passado doloroso, esquecido
Na lida da vida diária.
Mais uma provação na vida
De uma alma desapegada,
Dedicada a uma planta, por muito tempo
Injustamente condenada.